

A participação da mulher no jornalismo esportivo

Samilla Thais Rodrigues LIMA¹

Jefferson Ferreira SAAR²

1. Introdução

Em qualquer assunto, culturalmente predominado por homens, a opinião feminina sempre será de caráter duvidoso para aqueles que não se permitem ouvir outro ponto de vista. No jornalismo esportivo e, em toda sua história, homens estiveram à frente da editoria, e em um país como o Brasil, que é denominado como o “País do Futebol”, seria um absurdo uma mulher comentar táticas, lances e escalações técnicas. Porém, com passar dos anos, as mulheres foram ocupando seu lugar no esporte. Ainda que a passos lentos, a realidade do domínio masculino nos programas esportivos vem mudando, hoje, já temos programas só com mulheres debatendo futebol, por exemplo, e outras com mulheres comandando a bancada, mas isso, ainda é uma exceção, infelizmente.

2. A mulher e o esporte

Antes debatermos sobre a participação de mulheres no jornalismo esportivo, é válido lembrar que a luta das mulheres por espaço vai muito além do trabalho jornalístico. No esporte mundial, por exemplo, a primeira mulher brasileira a participar dos Jogos Olímpicos foi a nadadora Maria Lenk, em 1932, em Los Angeles, na Flórida (Santos, 2012, p.10).

No futebol, que foi criado como um esporte masculino, historicamente, as mulheres tinham o papel de acompanhar seus maridos aos jogos, dando origem, inclusive, ao termo ‘torcer’, como explica Capellano (1999 apud Ecoten; Corsetti 2010, p.04) explica:

Foram as mulheres, aliás, que consagraram a expressão “torcer”. Como não ficava bem para uma dama se descabelar, gritar, chorar, com seu time de coração, elas levavam para os estádios pedaços de pano, os quais torciam durante as partidas para aliviar a tensão. O hábito as fez ficar conhecidas como “torcedoras” e não demorou muito para o termo ser adotado para designar todos aqueles que compareciam com frequência às partidas no intuito de incentivar as equipes. (Capellano 1999 apud Ecoten; Corsetti 2010, p.04).

¹ Aluna do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) - samillajor@gmail.com

² Professor Doutor do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) – projefferson@hotmail.com

Como no exemplo de Maria Lenk, muitas outras brasileiras fizeram história como atletas no decorrer dos anos, o que abriu um espaço para que a falta de outras mulheres dentro daquele meio fosse sentida. Porém, o espaço reservado a figura feminina muitas vezes está alheio às funções mais importantes do jornalismo, algumas vezes até foge a profissão, com participações como garota propaganda ou porta-voz do público.

3. As dificuldades no ambiente esportivo

Em uma sociedade patriarcal e em ambientes fora de padrões tidos como femininos, a opinião de uma mulher tem que ser muito mais certa e sem margens para erro. Em comentários de futebol, por exemplo, um erro de um homem é apenas um erro, um comentário contrário ou até mesmo precipitado de uma mulher não é uma falha profissional, e sim por ser mulher e, supostamente, não saber do que está falando.

Além de toda pressão para uma margem mínima de erros em qualquer posicionamento, as mulheres, ao se disporem a atuar em meio a torcidas e em qualquer ambiente de esportes, está sujeita a sofrer diversos tipos de assédio dentro e fora das redações e dos campos, como relata a repórter Ana Thaís Matos:

[...] Teve uma vez que eu fiquei muito nervosa. O sujeito gritou meu nome e disse que ia me encontrar na rua e me estuprar. Não por acreditar que ele faria isso, mas fiquei uns 30 minutos pensando que eu estava no meio de alguns animais. Minha pressão subiu, meu coração disparou, mas fiz a transmissão normalmente (Freitas, Montagnana e Carneiro, 2021)³.

4. Conclusão

Mesmo tendo que provar seu conhecimento, o trabalho feminino segue sendo feito com maestria e escalando dia após dia uma escada cheia de preconceitos. Entre entrevistas interrompidas por “cantadas”, contatos físicos desnecessários, ataques de torcidas, capacidade profissional sendo contestada e, inúmeros outros transtornos que as mulheres têm que passar todos os dias no âmbito esportivo. Essa é uma luta muito antiga e, que aos poucos, está sendo vencida.

Palavras-chave: Jornalismo esportivo; Mulher; Igualdade; Preconceito; Esportes.

³ PUBLICADO POR ‘UOL ESPORTES’ - Disponível em: <https://www.uol/esporte/especiais/mulheres-e-o-jornalismo-esportivo-na-tv.htm#intrusas-no-gramado>. Acesso em: 05 de abril de 2021.

5. Referências:

ECOTEN, Márcia Cristina Furtado; CORSETTI, Berenice. **A mulher no espaço do futebol: um estudo a partir de memórias de mulheres.** Fazendo Gênero, v. 9, p. 1-11, 2010. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1277985619_ARQUIVO_AMULHERNOESPACODO_FUTEBOL_FAZENDOGENERO.pdf. Acesso em: 05 de abril de 2021.

FREITAS, Bruno; MONTAGNANA, Laís; CARNEIRO, Leandro. **"Intrusas" no gramado. Como o ambiente machista ataca mulheres que trabalham com esporte.** UOL Esporte. Disponível em: <https://www.uol/esporte/especiais/mulheres-e-o-jornalismo-esportivo-na-tv.htm#intrusas-no-gramado>. Acesso em: 05 de abril de 2021.

SANTOS, Vanessa de Araújo. **As bolas da vez: a invasão das mulheres no jornalismo esportivo brasileiro.** 2012. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/235/7254/1/20413582.pdf>. Acesso em: 05 de abril de 2021.